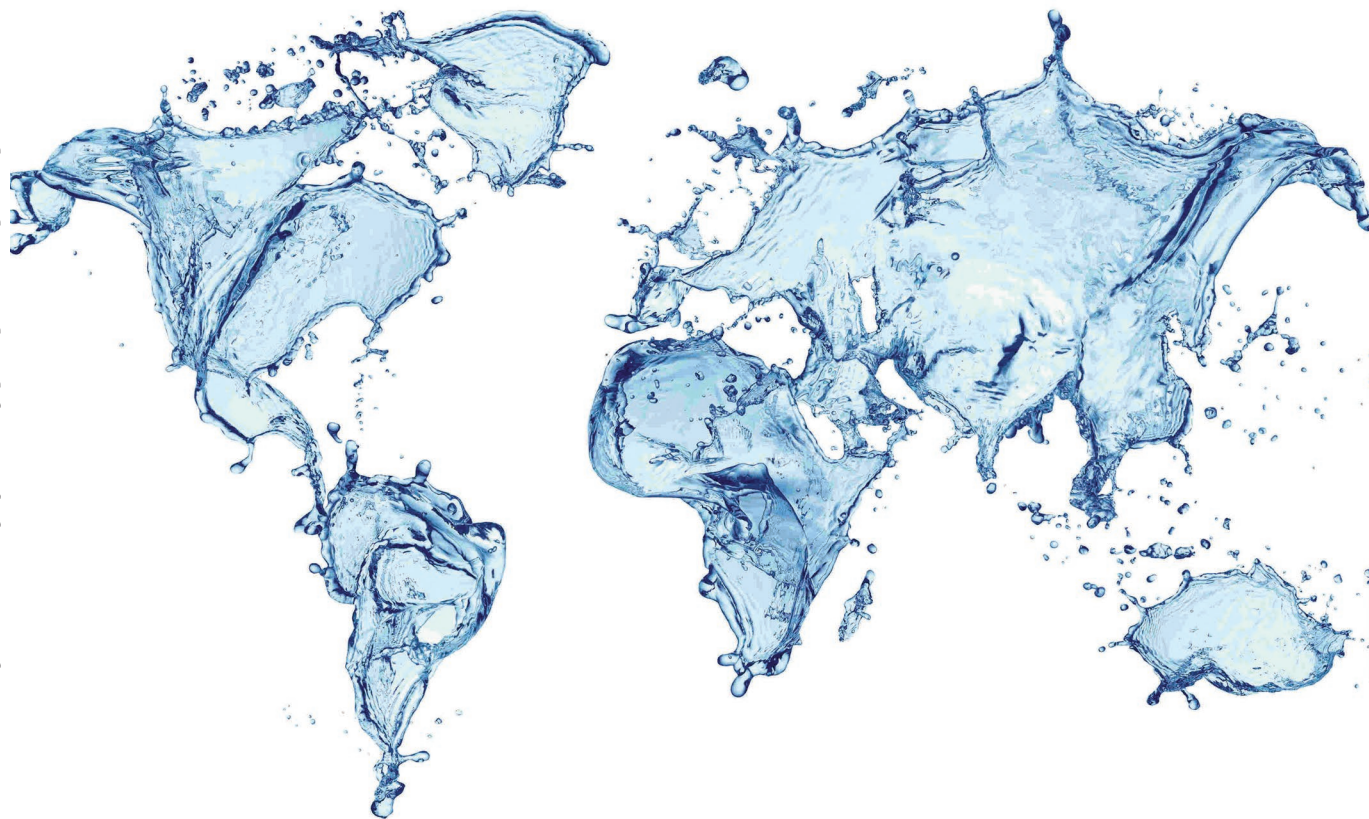


cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Março 2015 – Nº 266

Disponível em: <www.parqueciencia.pr.gov.br/galeria/20/Origem-da-Agua-na-Terra.html>



A água, para onde foi?

Nelson Guimarães Proença

A Filosofia é tão antiga quanto a humanidade, nasceram juntas, siamesas, assim continuaram através dos tempos. Observar o que se passa ao redor, registrar fatos e ocorrências, interpretá-los, buscar sua coerência, encontrar os elos que existem entre os seres e as coisas são atributos de todos nós, daí nasce o impulso para filosofar. Isso é universal, uma característica da raça humana, não depende de época ou lugar. Filosofamos todos os dias, mesmo sem ter consciência disso. Aquilo que concluímos, apresentamos a nossos semelhantes, sugerimos que não deixem de levar em conta as conclusões a que chegamos, elas nos parecem judiciosas. Agora, se a realidade cotidiana confirmará nossas especulações filosóficas, isso já é outra coisa. Nossa Filosofia precisa buscar alicerce em fatos demonstrativos, que confirmem

que estávamos certos. Ao darmos esse passo em busca da confirmação de teses propostas, estamos contribuindo para nascer e fazer crescer a Ciência. Filosofia e Ciência sempre estiveram juntas ao longo de toda a história humana. Foi assim desde a antiga Alexandria, do tempo dos Faraós, foi assim em Atenas, quinhentos anos antes de Cristo, será sempre assim, em todas as épocas e em todos os lugares.

As narrativas que chegaram até nós contam que Newton descansava à sombra de uma macieira, quando uma das frutas caiu em sua cabeça. Dizem que pensou em voz alta: “— Que diabo, por que maçãs caem sempre para baixo, por que não caem para cima?”. Dizem os cronistas da época que foi, então, que começou a ser formulada aquela que depois receberia o nome de Lei da

Gravidade. A partir daí desenvolveram-se experimentações que puderam comprovar a atração entre os corpos, firmando a Lei de Newton. Nesse exemplo estão a Filosofia e a Ciência de braços dados.

Mas darei outro exemplo. Com Lavoisier, o que aconteceu? Ele sempre estava envolvido em experimentos de laboratório, com a Química e a Física, impressionava-se diante da versatilidade das substâncias com as quais trabalhava. Estas assumiam as mais diferentes formas segundo as combinações a que eram submetidas. Mas nenhuma das substâncias se perdia, elas apenas se transformavam, assumindo expressões diversas. Se tivermos um pouco de imaginação, podemos ver Lavoisier, preocupado e pensativo, até conseguir encontrar o conceito exato que encantou o mundo da época e encanta o mundo de agora: “— Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. Mais uma vez a Filosofia e a Ciência se abraçaram, incorporando ao Saber um conceito essencial.

Passo agora a justificar essa breve e descomprometida divagação das relações entre a Ciência e a Filosofia. Eu a fiz pensando em como estamos precisando de um novo Newton, ou de um novo Lavoisier, para nos ajudar a esclarecer um mistério de nossa atualidade. Um mistério que para mim gerou uma preocupação que me acompanha há algum tempo, mais precisamente desde o mês de abril de 2012 quando vi fotos publicadas em um jornal que muito me impressionaram, daí eu as ter recortado, plastificado e guardado, revendo-as vez ou outra. Foram feitas por um satélite que fotografou o polo norte no ano de 1979, voltando a fotografá-lo, exatamente na mesma posição, em 2012. Comparadas as duas fotos, ficou nítida a redução à metade do gelo acumulado, fazendo prever seu completo desaparecimento lá por volta de 2035. Recentemente, em setembro de 2014, vi outra matéria publicada em jornais, também sobre o agravamento do degelo, mas agora no polo sul.

O gelo e o degelo das reservas polares são o fator mandatário do equilíbrio climático mundial. Não há dúvidas por parte dos estudiosos de que esse grave problema, o do degelo, está provocando as mudanças climáticas que todos nós temos acompanhando. Elas são a consequência direta do degelo nas calotas polares. As secas prolongadas em regiões que as desconheciam; as chuvas torrenciais e inundações onde isso não ocorria; invernos com temperaturas abaixo de quarenta graus negativos; temperaturas chegando à casa dos quarenta graus positivos em zonas antes de clima temperado. Todos os estudiosos reconhecem a gravidade da situação. Mas, ao lado dessas preocupações, há outra questão ainda não suficientemente debatida.

Para onde está indo a água resultante do degelo polar?

Há anos, quando a questão começou a preocupar os pesquisadores, imaginou-se que a água dos polos se distribuiria pelos mares e elevaria seus níveis em um metro, dois metros, talvez mais e, em consequência, todas as cidades costeiras, pelo mundo afora, ficariam submersas.

Isso não ocorreu! Para onde foi, então, tanta água?

Outro dado muito preocupante. No Brasil, os estudiosos do Cerrado Central (Bahia, Goiás, Mato Grosso) constatam o desaparecimento dos rios locais e a redução do lençol freático. Já estão prevendo a completa desertificação do Cerrado, a qual virá acompanhada da redução do volume de águas do rio São Francisco.

Para onde foi, então, tanta água?

Tento esclarecer minha inquietação, recorro à internet, não encontro nada que me satisfaça. Para essas questões, devem ser oferecidas várias respostas, mas há uma que para mim se tornou recorrente. Uma resposta que até aqui só tem servido para meu uso pessoal, sei que estou abusando um pouco do meu direito de filosofar, afinal ela nada tem de científica. Mas desejo compartilhar essas inquietudes com outros preocupados com o tema, existem muitos deles por esse mundo afora.

Não é possível que a resposta certa esteja na ruptura da camada de ozônio, aquela que envolve a atmosfera e que, até o século 20, manteve o sistema fechado? A ruptura, todos sabem, foi simplesmente chamada “o buraco da camada de ozônio”, ele está situado nas proximidades do polo sul, mais para o lado do oceano Pacífico do que do Atlântico. Leio e releio as informações disponíveis sobre essa ruptura e começo a pensar em uma hipótese que não me parece descabida, é possível que tenha vínculo com a redução do estoque da água disponível no planeta Terra.

Eventuais leitores dessa especulação, pensem comigo: quais as consequências da ruptura da camada de ozônio, que relação ela pode representar para o futuro de nosso planeta? Não é possível ignorar o que a Ciência já demonstrou: a camada de ozônio é a responsável pela manutenção do equilíbrio natural do nosso sistema, não se esqueçam de que foi esse equilíbrio que permitiu a Lavoisier formular seu postulado.

A verdade de hoje é esta: o planeta Terra deixou de ser um sistema fechado. Não sendo fechado, não fica restrito a ele, planeta Terra, a aplicação da Lei de Newton, a da atração entre os corpos. Até o aparecimento do “buraco”, há poucas décadas, a atração da gravidade se fazia obrigatoriamente da atmosfera terrestre para o solo, não havia outra possibilidade. Mas se a atmosfera terrestre não é mais um sistema fechado, é preciso pensar no sistema solar como um todo, pois “balão furado” não tem como segurar seu conteúdo.

Aí está, é simples assim, o planeta Terra é um “balão furado” e é por ali, por esse furo, que está escapando o vapor de água de nosso pequeno mundo. Uma água que está se dispersando por todo o imenso sistema solar, atraída por nossos vizinhos! Pura Filosofia, todos dirão. Não está sendo dada a devida atenção à tragédia que já está anunciada, que está diante de nós. Se nada fizermos para mudar a terrível realidade da perda da água de nosso mundo de hoje, mais adiante teremos de mudar o texto da Lei de Lavoisier: “— Na Natureza tudo se perde e nada se cria”. Essa será a inevitável consequência do buraco que ninguém pensa em fechar.

Na última semana de outubro de 2014, foi realizado, em Copenhague, o “Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática” (na sigla em inglês, IPCC). Ele é preparatório para a Conferência Mundial, de altíssima relevância, em maio de 2015, sediada em Paris. O documento que está sendo discutido em Copenhague informa que a concentração do gás carbônico, do metano, do óxido nitroso, entre outros gases, todos nocivos para a atmosfera terrestre, aumentou no ano de 2014, prejudicando ainda mais a integridade da camada de ozônio.

Para terminar, uma notícia enganosamente auspiciosa, pois, bem examinada, não é animadora. Reuniu-se em Pequim, na primeira quinzena de novembro de 2014, a cúpula do G-20, ocasião em que o Presidente dos Estados Unidos, Barak Obama,

e o Presidente da China, Xi Jinping, firmaram um acordo ao qual deram a aparência de importante. Mas que é importante só mesmo na aparência. Intenções: até 2030, os Estados Unidos e, até 2035, a China, procurarão reduzir algo em torno de 30% da emissão de gases industriais. Um perfeito exemplo de compromisso vago, anunciado para acalmar a opinião pública; passadas duas décadas, veremos quais justificativas serão dadas para explicar por que as metas não foram cumpridas.

Encerro. Compareci com a Filosofia, agora é a vez da Ciência. Está na hora de a Filosofia e a Ciência se darem novamente as

mãos para informar a todos nós sobre o futuro que nos aguarda, para orientar sobre as medidas que urgentemente precisam ser aplicadas. Talvez a humanidade volte a ter juízo, talvez tome em tempo hábil atitudes e decisões. Antes que seja tarde demais!

Nelson Guimarães Proença

*Membro da Academia de Medicina de São Paulo,
Ex-Presidente da Associação Médica Brasileira*

Water, where has it gone?

Philosophy is as old as mankind. They were born together, siamese, and so they went on within time. In order to observe what surrounds us, register facts and events, interpret them, search for their coherence, find the existing links between beings and things are attributes of all of us, hence there comes the impulse to philosophize. This fact is universal; a human race characteristic that does not depend on the time or place. We philosophize every single day, even unconsciously. Then, we present to our fellows those conclusions we have reached, we suggest that they do not fail in considering them for what they look like, and our conclusions do seem judicious for us. However, if everyday reality shall confirm our philosophical speculations is something else entirely. Our Philosophy needs to search for basis in demonstrative facts, which should confirm they are right. While stepping ahead in search for proposed theses confirmation, we have been contributing to give birth to Science and make it grow. Philosophy and Science have always been together in all of human history. It has been like that since ancient Alexandria, the Pharaohs age. It was like that in Athens five hundred years B.C. and it will always be like that whenever and wherever.

The narratives that we have encountered depict Newton resting under the shade of an apple tree when one fruit fell down on his head. It is told he thought aloud: — “Why the hell do apples always have to fall down and not upwards?”. Historians from that time affirm that, at that very moment, just started to be elaborated that one that later on would receive the name of Gravity Theory. From now on, many experiments have been developed which could prove the attraction of the bodies setting the Newton’s Law. In this example, we can perfectly realize Science and Philosophy hand on hand. Whatsoever, I’ll give you another example. What happened to Lavoisier? He was always involved in laboratory experiments, with Chemistry and Physics; he used to get impressed before the versatility of the substances he worked with. These substances would assume the most different forms, depending on the combinations, which they were submitted to. However, none of the substances would be wasted; they would only be transformed, acquiring several expressions. If we try to use our imagination, we would see Lavoisier, preoccupied and thoughtful, until he could find the exact concept, which enchanted the world of that time, and still enchants the nowadays world: — “In Nature nothing is wasted, nothing is created, everything is transformed”. Science and Philosophy have embraced once more, incorporating an essential concept to the Knowledge.

From now on, I start justifying this brief and uncommitted digression of the relationships between Science and Philosophy. I have made it thinking of how we are in need of a new Newton, or a new Lavoisier, to help us clarify a mystery of our current times. A mystery that generated a preoccupation that has followed me for some time, precisely since April 2012, when I saw pictures in a newspaper, which impressed me so much that I cropped them out, laminated and kept them, so that I could look at them once in a while. The pictures were taken by a satellite that photographed the North Pole in 1979 and they were retaken in 2012, exactly at the same position. When they compared to each other, the two pictures clearly expose the reduction of accumulated ice to its half, turning into a fact its total disappearance around 2035. Recently, in September 2014, I saw another article published in newspapers, also about the serious defrost, at this time, in the South Pole.

The ice and defrost of polar reserves are the mandatory factors of the world’s climate balance. There is no doubt on the part of scholars that this grave problem, concerning defrost, has been provoking the climate changes we have all kept with. They are the direct consequence of the defrost on the ice caps. The long droughts in regions where they were previously unknown; the torrential rainstorms and floods in places where these events did not occur ever; winters with temperatures forty degrees below zero; temperatures reaching forty degrees Celsius in areas of mild climate. All experts recognize the gravity of the situation. However, alongside of these worries, there is another question, which has not been sufficiently discussed yet.

Where is the water resulting from the polar defrost going to?

Years ago, when the issue started worrying researchers, we imagined that the water from the poles would be distributed along the seas and would elevate their levels in one meter, two meters, maybe more, and as a consequence of that, all coastal cities all over the world would be submersed.

This did not happen! Where has so much water gone to?

Another really worrying datum: in Brazil, experts of the Central Brazilian Cerrado (in region states Bahia, Goiás, Mato Grosso) have stated the local rivers disappearance and the water table reduction. They have already started foreseeing the complete Cerrado desertification, which must be accompanied with the water volume reduction of the São Francisco River.

So, where has so much water gone to?

I try to clarify my alarm with the internet resources, but I don’t find anything satisfying. Many answers must be given to those issues, but there is a specific one that has become recurrent. An answer that, so far, has only been useful for my personal usage. I know I may be abusing my right to philosophize for it has nothing scientific at all. Whatsoever, I wish to share this concern with all people involved in the issue, and there are lots of them all over the world.

Is that not possible the answer be on the ozone layer rupture, that one that involves the atmosphere and maintained the system closed until the 20th century? Everybody knows that the rupture was simply called “the hole in the ozone layer”; it is positioned in the South Pole proximities, tending to the Pacific Ocean side rather than the Atlantic Ocean. When I read and read again the available information over this rupture and started thinking about a thesis that does not sound absurd to me: a connection with the water stock reduction available on the Planet Earth is plausible.

Occasional readers of this speculation, let’s think together: which are the consequences of the ozone layer rupture; what kind of relationship might it represent for the our planet future? It is not possible to ignore what Science has already demonstrated: the ozone layer is responsible for the maintenance of the natural balance of our system; do not forget that this balance allowed Lavoisier to elaborate his postulate.

The present truth is the Earth has failed to be a closed system. As it is not closed, it is not restricted to itself, Earth planet, the Newton’s rule application – the attraction between the bodies. Until the “hole”, a few decades ago, gravity attraction action was obligatorily and effectual from the Earth atmosphere to the soil, and there was no other possibility. However, if the Earth atmosphere is not a closed system anymore, we need to think of the solar system as a whole, since a “punctured balloon” has no way to uphold its content.

There it is, plain and simple, the Earth is a “punctured balloon” and it is through this puncture that water steam has been escaping from our small world. Some water that has been dispersing all over the immense solar system, attracted by our neighbors! Pure Philosophy, all might say. Proper attention has not been payed to the announced tragedy that lays before us. If nothing is done in order to change the terrible reality concerning water loss in our present world, sooner we shall have to change the text of Lavoisier’s Law: — “In Nature everything is lost and nothing is created”. This will be the inevitable consequence of the hole nobody thinks of closing.

On the last week of October 2014, in Kopenhagen city, the “Panel Intergovernmental about Climate Change” was held (from the initials in English, IPCC). Is the Panel was preparatory for the high relevance World Conference, in May 2015, which shall take place in Paris. The document has been discussed in Kopenhagen says that the concentration of carbon gas, methane, nitrous oxide, among other gases, all harmful to the terrestrial atmosphere, have increased in the year of 2014, jeopardizing the ozone layer even more.

Just to finish it up, a tricky, auspicious news. However well examined, it is not motivating. In the first fortnight of November 2014, there was a meeting in Beijing, of the G-20, occasion when the USA President Barak Obama, end the President of China, Xi Jinping, signed up an agreement that showed to be important, but only in its external appearance and intentions: until 2030 to United States, and until 2035 to China, both have the compromise to reduce something around 30% of industrial gases emission. A perfect example of a vague compromise, announced just to calm down the public opinion. We shall see what justifications will be given to convince us why the targets will not have been reached.

I end up here. I tried to offer some help with Philosophy; now it is the Science’s turn. It’s about time Science and Philosophy walking hand in hand again to inform about the future that awaits us and to orient us over the measures that should be taken urgently. Perhaps, mankind becomes sensible again and able to take measures and make decisions in time. Before it’s too late!

Onde era a Taprobana?

Luiz Celso Mattosinho França



Mapa do sudoeste da Ásia e rotas de comércio no Século XVI

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,

Na primeira estrofe de *Os Lusíadas*, de Camões, tropeçamos com um toponímico inusitado, Taprobana. Real ou mítico, licença poética ou realidade? Na geografia de Ptolomeu, tratava-se de ilha no lago Índico. Na atualidade, Ceilão ou Sri Lanka. Não tendo os portugueses a menor noção da geografia do Oceano Índico, como veio a participar do poema épico?

Os barões assinalados, no século XV, descobriram e se apossaram das ilhas Atlânticas das Canárias, Madeira e Cabo Verde, mas empacaram no Cabo do Medo, ou Bojador, onde o Saara encontra-se com o Oceano, gerando baixios intransponíveis, cemitério de navios, que deram origem aos versos de Fernando Pessoa “ó mar salgado, quanto de teu sal são lágrimas de Portugal”. O genial navegador Gil Eanes inventou a Volta do Mar, manobra náutica de afastar-se da costa para o Oeste, e daí para o Sul, deixando para trás o Bojador, e abrindo o Atlântico Sul para os nossos antepassados, bem

como de sobra descobrindo o Brasil. Nesse caminho, Bartolomeu Dias atingiu o Cabo das Tormentas, renomeado da Boa Esperança, ao atingir o lado de lá da África. De Moçambique e portos árabes da costa oriental, inteiraram-se das correntes de ventos das monções, de verão e inverno. Com o auxílio dos pilotos práticos árabes, cruzaram os mares abertos do Índico, aportando na costa Ocidental da Índia. Não pararam aí, entretanto. No afã de propagar a fé e dilatar o império, e mais uma vez com o auxílio de pilotos árabes, conhecedores da geografia, deram a volta no Sul da Índia, e à nossa Taprobana, dirigindo-se para o Leste, à boca do perigosíssimo estreito de Malacca, entre a península Malaia e a ilha da Sumatra, onde está hoje Singapura, porta aberta para o Mar da China e para os Japões. Não sem oposição, visto que a poderosa marinha regionalizada da China, formada por gigantescos navios de palha trançada, os juncos, que deram origem à expressão náutica inglesa “junk”, querendo dizer lixo. As feitorias portuguesas, postos de comércio, transformaram-se em possessões ultramarinas, incluindo-se Goa, Malacca, Timor Leste e Macau, às quais somando-se Moçambique, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, formaram o império d’além-mar.

Mar Português

Fernando Pessoa

Ó mar salgado, quanto de teu sal
São lágrimas de Portugal?
Por te cruzarmos, quantas mães choraram
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Luiz Celso Mattosinho França

Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo



João Guidugli Neto (1943-2015)

Da infância feliz em Itapetininga com o avô italiano, passando pelas inesperadas dificuldades financeiras decorrentes de um infarto precoce do pai, seguiu com os estudos nas escolas públicas do Belém, em S.Paulo, e ingressou na Escola Paulista de Medicina logo no primeiro exame, para orgulho da família. Custeou seus estudos na faculdade trabalhando em plantões noturnos no Hospital do Servidor. Formou-se em 1968, fez doutorado e livre-docência muito jovem, treinou no Memorial Sloan Kettering em Nova York, tornou-se professor titular de Patologia na USP e em Bragança Paulista, onde foi homenageado como paraninfo. Foi um dos pioneiros no ensino da Microscopia Eletrônica. De técnico noturno, ascendeu à Diretor do Serviço de Patologia do Hospital do Servidor, foi Coordenador de Patologia do Hospital Israelita Albert Einstein por mais de 20 anos, e, com seu próprio laboratório, ajudou a estruturar a Patologia do IBCC, Instituto Brasileiro de Controle de Câncer.

Falava seis idiomas e adorava conhecer as diferentes culturas. Da sua origem italiana, herdou o gosto pelas óperas e pela terra. Guiando seu próprio trator em meio aos peões, construiu seu sítio em Alambari. Se divertia muito tocando modas nas suas violas na rádio de Itapetininga e nos churrascos com os amigos. Entre os humildes, era um deles, que jamais suspeitaram da sua erudição. Formou os dois filhos, João Henrique, advogado, e João Roberto, engenheiro, este último superando uma séria deficiência auditiva. Prezava muito a família, e teve o grande desgosto de perder um irmão em um assalto em S.Paulo. Depois de se aposentar, pôde ir com mais frequência ao seu sítio, agora perfumado com plantações de eucalipto Citrodorea, publicar seus livros de poesia e visitar mais a Itália e a Alemanha de que tanto gostava. Deixou-nos neste 23 de janeiro e voltou aos braços da sua amada Itapetininga, no cemitério João Batista. Seus exemplos de superação, transmissão de conhecimento e respeito ao próximo ficam conosco.

Vida Vivida

Ruga exibida

Que a cútis marca e vinca
Não há plástica que estique
Essa pele pelo sol curtida

Ruga resistente

Que nem botox desmente
Ruga que não se esconde
Cada vez mais evidente

Não há creme que disfarce

Essa ruga insistente

Ruga que sinaliza

Cada emoção na vida sentida

Ruga democrática

Que em todos um dia se faz presente

Ruga só inexistente

Na vida não envelhecida

Regina do Carmo Silva

Saudação ao Dr. Guido Arturo Palomba

Nelly Martins Ferreira Candeias

Assumir a presidência de um ato solene como a homenagem ao Dr. Guido Arturo Palomba, membro deste Instituto desde 2004, Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo e Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina, é uma honra para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Prestigia com sua presença duas entidades históricas que desde o século XIX convivem em perfeita harmonia, unidas por sentimentos de civismo e de crença nos valores da Nação, e pelo sagrado dever de transmiti-los a gerações sucessivas.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo foi criado em novembro de 1894, incluindo, em seu primeiro quadro social, 168 fundadores de formação multiprofissional, entre estes, alguns médicos que, meses depois, em março de 1895, criariam a primeira entidade médica paulista, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Em 1954, essa entidade se transformou na atual Academia de Medicina de São Paulo. Sua finalidade, desde o princípio, foi preservar a tradição, a história e o progresso da Medicina e das ciências afins.

A semelhança de ideais das duas novas entidades deu-lhes um sentimento de confraternidade e de respeito mútuo, que nelas permanecem desde o século XIX até a presente data.

Guido Arturo Palomba, hoje homenageado, é psiquiatra forense, um especialista que, por sua longa experiência de mais de 30 anos, tornou-se referência para juízes, advogados e para a mídia.

Foi o primeiro médico a tomar posse na atual gestão desta diretoria (2004). Em 2007, em Assembleia Geral Extraordinária, tornou-se Presidente da Academia Medicina de São Paulo, ocupando a cadeira nº 1 de uma agremiação completamente renovada.

Neste Instituto, depois dele, tomaram posse os médicos Luiz Freitag (2008), Roque Marcos Savioli (2011), José Luiz Gomes do Amaral (2011), Manoel Joaquim Ribeiro do Valle Neto (2013), José Luiz Egydio Setúbal (2014) e Hélio Begliomini (2015), cuja posse ocorreu, recentemente, por ocasião da comemoração dos 120 anos do Instituto.

In memoriam, recordo os nomes do Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, professor de **História da Medicina** na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas e

professor de **História da Cultura** na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Foi o décimo segundo dos 15 presidentes deste Instituto.

Recordo também Duílio Crispim Farina, membro de nosso Instituto, que abordou a História da Medicina de forma mais genérica, sendo patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

Mais recentemente, faleceram dois médicos, professores titulares da USP — José Aristodemo Pinotti, Secretário da Saúde do Estado de São Paulo, e José Alberto Neves Candeias, que fundou o Departamento de Microbiologia no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo. Ambos deixaram na memória deste Instituto as mais gratas e perenes recordações.

No que diz respeito ao passado mais remoto, vários médicos fizeram parte de ambas as instituições: Luiz Pereira Barreto, introdutor do café em Ribeirão Preto, foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Tomou posse neste Instituto em junho de 1895. Carlos Botelho, um dos seus fundadores, tornou-se, depois, Secretário da Agricultura de nosso Estado.

Limite-me a mencionar mais dois médicos que fizeram parte das duas agremiações.

O primeiro deles, Francisco Franco da Rocha, criou o Hospital do Juqueri, em 1896. Foi eleito para o IHGSP, em abril de 1897.

Dedicou toda a sua vida ao Hospício do Juqueri, onde criou uma equipe fundamental para o desenvolvimento da psiquiatria paulista.

O segundo nome é o do inesquecível Arnaldo Vieira de Carvalho, que se diplomou pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1888 e foi eleito membro de nosso Instituto em 1903.

A ele, como é sabido, deve-se a fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, da qual foi o primeiro diretor. Em sua homenagem, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo é denominada a “Casa de Arnaldo” e a avenida onde o edifício está localizado recebeu o carinhoso e familiar nome de “Doutor Arnaldo”.

Dr. Arnaldo também foi diretor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde se destacou como diretor clínico, pelas ampliações e reformas que promoveu em seus serviços assistenciais e pela modelar organização que imprimiu a essa entidade.

É oportuno referir, porque se desconhece, que o Dr. Arnaldo teve como assistente a Dra. Marie Rennotte, belga de origem, a primeira mulher, normalista e médica, a tomar posse neste Instituto, em maio de 1901.

No século XIX, por grave preconceito, as mulheres eram impedidas de frequentar escolas de nível superior e, por isso, Marie Rennotte não teve acesso à Faculdade de Medicina, razão pela qual foi estudar nos Estados Unidos.

O arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo tem seu Diploma de Medicina, emitido no Women's Medical College of Pennsylvania, Philadelphia, em 1892, quando tinha cerca de 40 anos.

Em 1906, Marie passou a trabalhar na Clínica Cirúrgica da Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, ocasião em que colaborou com Arnaldo Vieira de Carvalho.

Esse registro histórico foi comprovado após exaustiva pesquisa neste Instituto e na Santa Casa de Misericórdia, onde se encontrou uma folha de presença, contendo as assinaturas do Dr. Arnaldo e de Marie Rennotte.

Em 1912, entrou para a Diretoria da Cruz Vermelha, propondo a fundação de um hospital para crianças, inaugurado em 1919, no bairro de Indianópolis, em São Paulo.

Com relação ao nosso homenageado de hoje, Dr. Guido Palomba, destaco que seu Tratado de Psiquiatria Forense, Civil e Penal (Atheneu, 2003) foi o primeiro tratado publicado em língua portuguesa, tornando-se uma edição rara no acervo mundial, o mesmo ocorrendo com várias obras jurídicas que se encontram na sua extensa bibliografia.

Durante 15 anos, Dr. Guido Palomba dedicou-se ao manuseio judiciário, primeiro como estagiário, passando a atuar em seguida como médico e médico-chefe. Além disso, trabalhou nos tribunais judiciais de comarcas do Estado de São Paulo e realizou perícia em vários estados brasileiros.

Atualmente, ocupa o cargo de diretor cultural da Associação Paulista de Medicina, estimulando continuamente o interesse dos associados pelas artes plásticas.

Recentemente, trouxe para São Paulo a exposição do artista português, Mestre Adelino Ângelo, um dos pintores humanistas mais notáveis da Europa e um dos melhores retratistas contemporâneos.

Dr. Guido Palomba é também coordenador do Suplemento Cultural da Associação Paulista de Medicina, para o qual tem contribuído regularmente com memoráveis textos e atraído preciosas doações para o Museu da Associação Paulista de Medicina.

Vemos na sua atuação, mesmo nos trabalhos técnicos, a expressão viva da vocação humanista de quem se preocupa com o bem-estar dos seres humanos e de suas condições. Mas como humanista, considera também a importância dos animais e manifesta sua apreensão em relação à crueldade com que são tratados.

Em seu dizer, “As pessoas que maltratam animais são insensíveis, são pessoas que não possuem sentimentos superiores de piedade, e elas normalmente são conhecidas como psicopatas, como sociopatas. São pessoas perversas, e normalmente quando praticam crime, são pessoas de difícil recuperação social”.

O tratamento dispensado aos animais, num ou noutro sentido, revela os sentimentos que vêm do fundo do coração humano. E estão vivos na nossa mente os excessos e crueldades cometidos no exterior (nas touradas) e no Brasil (na farrada do boi).

Seu talento e a excepcional capacidade de trabalho revelados em tudo que escreve e diz em livros e mensagens virtuais, a versatilidade de seu blog, assim como sua nobreza de espírito e honestidade moral e intelectual, postas a serviço de SP e do Brasil, são nobres pilares sobre os quais repousa sua vigorosa e serena personalidade.

Dr. Guido Palomba é um exemplo atemporal: um empreendedor, um homem de ideias, um protagonista da vida e da alma humana — um modelo dos valores intelectuais mais representativos da geração contemporânea.

Sua atuação humanista, em várias entidades culturais, mostra que o futuro precisa ser construído e, mais do que isso, o futuro precisa ser inventado com o objetivo de contribuir para a solidariedade e para a paz da humanidade.

Diz Miguel Torga que “é nosso dever reconhecer o mérito de quem cumpre a vida”.

Convictos de que só os melhores entram para a história, neste dia consagrado a Vossa Excelência, Dr. Guido Arturo Palomba, desejamos expressar, nesta merecida homenagem, nosso tributo de reconhecimento e mais sincera admiração.

Termino esta apresentação com uma frase de Cora Coralina que ilustra magistralmente o sentido de minhas resumidas considerações:

“Feliz aquele que transmite o que sabe e aprende o que ensina”

Que Deus continue a iluminar seus passos, Dr. Guido Palomba.

Nelly Martins Ferreira Candeias

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Coluna do livro



L'épilepsie e l'hystérie

Trata-se de rara obra sobre a epilepsia escrita por Désiré Bourneville (1840-1909), em 1876. Tem ilustrações.

Nessa época, os estudos sobre o *morbus sacer* estavam se desenvolvendo grandemente. Descobriram que a epilepsia essencial tinha como substrato anatomopatológico a assimetria entre os dois hemisférios cerebrais. Há, na obra em comento, curiosamente, uma prancha que mostra, talvez pela primeira vez na história, essa assimetria, cujo achado foi magistralmente explorado e aceito nas décadas subsequentes até hoje, resultando em uma das mais importantes descrições da patologia moderna, que é a chantação do cérebro epiléptico, por Octávio Perez Velasco, em 1950, conceito adotado e desenvolvido pelo magno Walter Edgard Maffei e seus seguidores. Porém, toda a maravilhosa descrição e caracterização do cérebro epiléptico, como substrato anatômico (inconsciente neural) da epilepsia, com a dominação da medicina americana, que somente pensa em farmacologia, acrescido da ausência de vocacionados para desvendar os mistérios da epilepsia (*epi*, o que está acima; *lepis*, abater; *epilepsis*, abater por cima, pois acreditavam que o diabo vinha por cima e tomava o indivíduo), minguou. Minguou a ponto de a epilepsia ter saído da CID (Classificação Internacional de Doenças), do capítulo das doenças mentais.

Mas aqui, o que interessa são os livros e esse em comento é muito bom, considerando que Bourneville, o autor, juntamente com Sommer, Sollier, Kussmaul, Lasègue, Bouché, mais Esquirol, Bellod, Delasiauve, Falret, Ottolenghi, Maudsley, Krafft-Ebing, Ardin-Delteil, para falar de alguns poucos seus contemporâneos, aí estão com suas obras estupendas, clássicas, para serem colocadas à face dos médicos contemporâneos, mostrando-lhes que, sim, epilepsia existe como doença mental, quer conste ou não da CID.

O livro tem 200 páginas, foi reencadernado na década de 1960, com lombada em *chagrin*, pela Editora Delahaye, Paris, algumas marcas de perfuração de cupim nas primeiras páginas, mas em ótimo estado de conservação. Deu entrada na Biblioteca da APM em 20 de outubro de 1979, comprado, provavelmente, por Duílio Crispim Farina, primeiro Diretor Cultural da APM.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.